

Televisão na China – Produto e processo¹

Desenvolvimento e ambientação da comunicação de massa na China

Marcella Coppo Leite

Resumo

A televisão chega à China tardiamente no final dos anos 1950. O canal CCTV (China Central Television) foi lançado em 2 de setembro de 1958 e marca o início de fato de uma comunicação em massa por meio da televisão no país. A partir de então a televisão começa a chegar lentamente aos cidadãos e se inserir na sua rotina, tornar-se um hábito. Curiosamente, assistir televisão na China não é tão diferente de outros países ocidentais. Um exemplo é o programa New Star (Nova Estrela) que foi lançado nos anos 1980 na China, que conta com um herói – Li Xiangnam – que é completamente ocidentalizado, apesar de exibido em uma sociedade comunista, onde existe uma forte censura em todos os meios.

Este artigo tem a intenção de esclarecer a motivação para as semelhanças e distinções no processo de instalação deste hábito e deste modo de assistir à televisão na China. Qual a relação entre seus produtos televisivos e do Ocidente? Como os primeiros foram contaminados com as experiências externas?

Palavras-chave: Televisão; China; processo; política; mídia

Abstract

The television comes to China in the late 1950s. The channel CCTV (China Central Television) was launched on September 2, 1958 and marks the beginning the real mass communication through television in the country. From then on, television starts coming slowly to citizens and to be inserted at their routine, to become a habit. Interestingly, watch television in China is not so different from other Western countries. An example is the program New Star (New Star) which was launched in the 1980s in China, which has a hero - Li Xiangnam - which is completely westernized,

¹ Pesquisa realizada com bolsa PIBIC – CNPq na Universidade Federal Fluminense, pela graduanda Marcella Coppo Leite, sendo este artigo parte da pesquisa desenvolvida pelo Entelas.

although displayed in a communist society, where there is a sharp rebuke in all means.

This article intends to clarify the motivation for the similarities and differences in the installation process of this habit and this way of watching television in China. What is the relationship between television and its products in the West? How the first ones were contaminated with external experiences?

Key-words: television; China; process; politics; media

Artigo

Panorama político e breve histórico da televisão na China

O comunismo chinês se abre ao mundo com Deng Xiaoping que, depois de uma longa jornada política no país, retoma lugar de destaque na política chinesa no ano da morte de Mao Tsé-Tung, em 1976. Foi Deng Xiaoping que iniciou as reformas modernizadoras no país, propondo uma aproximação com o Ocidente e colocando a China em posição de próxima potência econômica mundial. O plano era priorizar o desenvolvimento material do país, diferentemente da proposta da Revolução Cultural. Assim, após as políticas massivas de Mao Tsé-Tung durante a Revolução Cultural, a China tinha a frente um líder que propunha desenvolvimento econômico e mudanças rápidas em quatro áreas: agricultura, indústria, ciência e tecnologia, e defesa nacional.

O plano de Deng Xiaoping aconteceu de forma bastante similar ao de Mikhail Gorbachev, na antiga URSS, com uma diferença crucial para o sucesso de tais reformas: a China as desenvolveu de maneira progressiva, implantando-as primeiro no interior do país para depois atingir o âmbito nacional, enquanto que a URSS implantou a *glasnost e perestroika* de maneira inversa, “de cima para baixo”. Deste modo, em pouco tempo a China conseguiu uma grande alavanca econômica e um grande impulso popular interno para que o país conseguisse se manter e sair da grande crise que assolava o país

A economia chinesa teve um desempenho tão espetacular no período de 1979 a 1986 que mesmo os céticos mais declarados não podiam racionalmente negar o progresso. (...) De repente, a China havia aparentemente se tornado um modelo de nação socialista abraçando o igualitarismo com uma economia progressista e uma atmosfera cultural cada vez mais liberal (LULL, 1992, p.21)

A televisão tanto como elemento tecnológico, como também cultural fez parte dessas mudanças propostas pelo governo de Deng Xiaoping. A China começou a produzir aparelhos e produtos para televisão, de acordo com Zhengrong e Li (2009) o desenvolvimento da televisão chinesa testemunhou altos e baixos com as mudanças políticas e sociais vivenciadas pelo país durante quase duas décadas, desde seu lançamento em 1958 até o início dos anos 1980, quando ela finalmente se tornou um fato cotidiano para os chineses.

Mas o que exatamente causou essas mudanças? Porque o governo resolveu agregar novos elementos em suas políticas culturais e tecnológicas e transformar a rede de televisão chinesa? E o que de fato mudou com essa reforma?

No ano de 1979, Deng Xiaoping, implantou a Política de Portas Abertas no país. Com isso foram comprados inúmeros programas americanos que foram inseridos na programação chinesa. A partir de então, a China começou a importar por meio de satélites noticiários estrangeiros, séries, filmes e programas de esporte. A TV passa a possuir blocos de programação estrangeira em sua grade em alguns horários do dia com narração em mandarim (LULL, 1992). Em 1983, aconteceu em Beijing a 11ª Conferência Nacional de Rádio e Televisão que pautou um decreto de novas leis e foi chamado de “Programa de Rádio e Televisão”. Este Programa permitiu que estações de televisão fossem estabelecidas no país, nas cidades, províncias e em níveis nacionais. O programa também ficou conhecido como “Four Tire Operation of Rádio & TV” e “Overlapping Coverage”. Isso permitiu uma fortificação da infraestrutura televisiva no país (Chang, 2002). Essa mídia foi espalhada pelo país e as pessoas começaram a ter acesso a um número maior de informação em maior fluxo também.

Com esta parcial descentralização dos poderes regulatórios para um nível menor, estas medidas foram pensadas não somente para acelerar o desenvolvimento da infraestrutura, mas também para aumentar a exposição da população aos programas de televisão. O governo chinês entendeu a televisão, à princípio, como uma possibilidade de capacitar e formar indivíduos. Consequentemente, as estações de rádio e televisão se espalharam pelo país e ao final de 1987, o número total de

estações de TV tinha chegado à 586 ou 81,3% da população total da China, mostrando que essa descentralização obviamente levaria à uma competição na indústria midiática do país (Chang, 2002, p.14).

A intervenção da televisão na vida social, cultural, política e econômica da população é elemento fundamental para se entender à que configurações a China chegou depois dessa inserção midiática. Os problemas já existiam antes da chegada do novo meio e a população já tinha consciência deles. A insatisfação com a corrupção do sistema político e com as lentas respostas de suas demandas já estava instalada no imaginário chinês.

A chegada da televisão intensifica, então, a difusão da informação e influencia a formação de uma opinião geral sobre assuntos políticos que antes não eram discutidos. A China passa então a vivenciar, ainda que timidamente e de uma maneira camuflada, uma discussão política. Lull (1992, p.15) pontua que “as mediações democratizantes e perturbadoras da televisão interagem na mente do público com as duras realidades impostas por uma economia em declínio e pelo desejo de uma maior liberdade pessoal e com a depressão coletiva que se abateu sobre o país”.

Usada como principal meio de comunicação em massa na China, a televisão invadiu a vida cotidiana no país e se tornou um instrumento de altíssimo valor tanto para o governo, quanto para toda a população.

A expansão da televisão e seus efeitos sobre a sociedade foram bastante dramáticos. Se antes todas as informações que tinham vinham basicamente de uma mídia impressa sem grande alcance devido às gigantescas proporções do país, agora, com a televisão, os chineses podiam criar e recriar sentidos.

Antes da televisão e do advento da política de Portas Abertas, o povo chinês tinha poucas e preciosas informações sobre a vida fora de seu país, e as impressões que recebia eram muito doutrinárias. Agora, quase todo mundo na China não apenas consegue as informações sobre o mundo exterior, o povo também desenvolveu perspectivas críticas sobre o assunto. A televisão é a fonte principal. Os telespectadores chineses comparam imediatamente suas vidas com as imagens dos países estrangeiros que vêm na TV (LULL, 1992, p.121)

Mesmo que o país ainda não tivesse uma ampla venda de aparelhos televisores, os chineses assistiam à televisão, principalmente no âmbito urbano. Segundo relatos, a televisão raramente era assistida em casa. Quando alguém a possuía ela atraía a atenção da vizinhança que se reunia para assistir à programação. As televisões eram

vistas como bens do povo, por isso existiam aparelhos transmitindo a programação em praças, em salas comuns de alguns prédios e isto foi incorporado ao cotidiano como ir ao cinema, ir ao parque, ou qualquer outra atividade do gênero, tornando, portanto, o hábito algo coletivo, o que também aconteceu em outros países ocidentais quando do início da televisão.

As emissoras de televisão produziam a maioria dos programas da grade até os anos 1990. O Estado possuía estúdios, instituições culturais, agências do governo e, inclusive, o exército fazia parte da cadeia de produção dos programas, a China produzia seus próprios programas. A maior parte da produção televisiva era composta por teledramaturgia em formato seriado. Esses programas eram desenvolvidos sem fins lucrativos para promover o Partido Socialista e satisfazer a demanda popular por enriquecimento cultural. O canal China Central Television (CCTV) teve o maior número de produções no país e selecionava os melhores programas feitos por emissoras locais e os exibia de graça ou por um pagamento simbólico. Isso assegurava que a emissora teria programação suficiente e de boa qualidade para passar. As estações de televisão locais prontamente aprovaram esta prática, pois não havia nenhum ganho ou perda econômica afinal. Além disso, foi considerado uma honra por estas emissoras ter seu conteúdo exibido em rede nacional. (...) Além de emissoras de televisão, agências governamentais (como o Ministério da Indústria de Carvão, o Ministério da Indústria Textil, a Comissão de Planejamento Familiar, etc) e do Exército patrocinavam a produção televisiva como uma forma de propaganda ou relações públicas. (BAI RUOYUN, TV Dramas in China, 87)

Esse esquema de produção da televisão chinesa se conformou desta maneira e foi chamado por Zhengrong (2007, p. 3) de *Single ownership, dual system*. Ainda hoje a mídia chinesa funciona segundo este esquema implantado durante as Reformas de Xiaoping. O sistema foi nomeado assim pois o Estado é dono dos meios de comunicação da China, assim controla em sua totalidade toda a grade desde seu conteúdo até o horário de exibição dos programas. Nessa época, a China possuía uma emissora a China Central Television, que possuía apenas um canal que ia ao ar em rede nacional e, para além disso, cada região possuía algumas estações e canais locais (por exemplo Xiamen Satellite Television e Jiangsu Satellite Television). Isto foi fruto da expansão proposta por Deng Xiaoping, como dito anteriormente, que expandiu o número de satélites e emissoras.

No entanto, algumas áreas desta indústria recebem capital privado, como a produção de conteúdo e publicidade. O capital privado tem interesse no mercado midiático chinês à medida que este é um campo totalmente novo. Então o que

aconteciam nos anos 1980 era que empresas capitalistas ocidentais tinham interesse em anunciar e financiar alguns programas chineses.

Como a China tem um status relativamente baixo na esfera econômica, seu governo reluta em gastar suas reservas na importação de programas de televisão. Ao invés de comprar os programas, eles vendem o tempo de exibição no sistema para os anunciantes estrangeiros. Segundo esse acordo, os produtores e agências de vendas externas dos Estados Unidos fornecem programas à China de graça, e em troca recebem espaços na programação das estações chinesas, que por sua vez são vendidos aos anunciantes americanos. Na verdade, esse acordo de permuta permite às agências americanas tornarem-se agentes de vendas para as estações de televisão chinesa. (LULL, 1992, p. 104)

O interesse em financiar a produção chinesa, vem do interesse de ocupar um suposto mercado que ainda não possui certos tipos de estrutura. Dessa maneira existe competição e lucro, e a vontade do partido continua sendo implementada. Embora o investimento privado seja permitido, o governo sempre tem a palavra final. Então o modelo de gerenciamento da rede fica esquematizado da seguinte maneira, a partir de 1979: o Governo controla toda a produção televisiva de todos os níveis, e os níveis se dividem em central, provincial, municipal e distrital.

Foi nesse cenário que, em 1986, foi lançada a série *New Star* (*Xin Xing*, em português Nova Estrela), um seriado em doze capítulos. A série foi um grande sucesso na década de 1980, bem como outros programas e dramas nacionais. No entanto, a série aborda assuntos políticos, fato nada cotidiano na vida dos chineses, e por sua grande abrangência de público foi uma grande formadora de opinião (LULL, 1992). A série foi desenvolvida em uma pequena cidade, bastante longe de Beijing, na emissora local Taiyuan Television (TYTV) e recebeu incentivos de instituições do governo e não foi censurada pelo distrito. Por isso, não foi advertida também nos níveis municipal e provincial, pois a exibição do programa foi negociado com outras emissoras por perto que desejavam exibi-lo, como descrito anteriormente. E deste modo, o programa ganhou fama e acabou alcançando a CCTV e sendo exibido em cadeia nacional.

Nova Estrela foi ao ar em cadeia nacional pela CCTV e contou a história da reforma socialista da China. O protagonista, a personagem Li Xiangnan, um jovem rapaz, recém-nomeado para um lugar de destaque na política local do seu partido (*ganbu*) tenta enfrentar a burocracia instalada em uma pequena cidade ao norte da

China. Embora esse jovem tenha conseguido melhorar a situação até certo ponto, ele acaba sendo demitido e afastado de seu cargo pelo seu jeito controverso no trabalho.

Segundo Lull

há, contudo, um argumento muito importante que pode ser apontado contra a visão de *New Star* como um símbolo da reforma, e que tem relação precisamente com a popularidade de Li e a tradicional dependência chinesa de um grande líder. O programa talvez tenha colocado uma ênfase excessiva em Li como indivíduo, e nos seus triunfos pessoais. (LULL, 1992, p. 83)

Além da diferença de ser uma personagem politicamente significativa em seu contexto, Li Xiangnan também tinha outras características que o afastavam das tradições chinesas. Ele é descrito pelo público com adjetivos como decidido, poderoso, claro e forte, corajoso, incisivo, teimoso, entre outros, pela própria população chinesa, segundo o estudo feito por Lull. Essas características atribuídas à personagem são discrepantes da realidade social vivida na China, pois mostram que Li Xiangnam tem as conformações de um sujeito individualista, que se coloca como centro. A personagem se pauta em suas próprias ideias e toma decisões unilaterais contrárias à decisões de pessoas mais velhas e com mais tempo de trabalho que ele, o que para os chineses é visto como uma afronta.

É controverso avaliar a sociedade chinesa em uma perspectiva ocidental, uma vez que os moldes de desenvolvimento da nossa sociedade são diferentes dos moldes orientais. A começar pelo fato de que, politicamente, a China tem uma história de mais de 2000 anos de império, em que a centralização do Estado, pode-se dizer, é o comum para os chineses. Pode se incluir nesse comportamento até a própria questão de um país comunista conviver com uma economia de mercado desde a abertura econômica promovida por Deng Xiaoping. No entanto, é inegável a influência e os reflexos tanto dos estudos, quanto da cultura ocidental nesse universo oriental.

Desde a Dinastia Han, todos os imperadores atribuíram grande importância aos ensinamentos da filosofia de Confúcio. O Confucionismo é um apanhado filosófico bastante conveniente que pode ser usado para manter a ordem social, uma vez que dá ênfase aos valores da família, obediência e disciplina moral. A China tem também uma grande tradição de políticas patriarcais, até os dias de hoje a opinião de pessoas mais velhas são muito significantes nessa sociedade. Eles apreciam mais o coletivismo em detrimento do individualismo. (ZHENGRONG, 2007)

Essa oposição proposta por Zhengrong (2007) se aproxima bastante da análise feita por Louis Dumont (1985), que contrapõe o individualismo e o holismo. O

individualismo é o conceito que se refere à afirmação do indivíduo ante a sociedade e ao Estado e é o mais ocidental dos valores, pois tem sua origem nos valores judaico-cristãos e faz parte da construção da sociedade ocidental moderna. Em contrapartida, o holismo é o conceito que define o indivíduo como parte de um todo, como parte integrante de um sistema geral; sendo assim o todo é superior às vontades individuais. Assim, este seria o modo de vida em uma sociedade tradicional.

A associação entre individualismo/ capitalismo e coletivismo/ comunismo é, em certa medida, recorrente. O coletivismo percebido neste tipo de associação pode ser substituído pelo conceito de holismo proposto por Dumont (1985), uma vez que o coletivismo neste caso é a maneira como se comportam os indivíduos na sociedade e este coletivismo está diretamente ligado ao modo de formação da moral e do pensamento de toda uma sociedade.

Televisão, cultura, sociedade e estruturas de poder

Do mesmo modo, a televisão está diretamente ligada ao modo de vida ocidental. Por este meio ter surgido e se desenvolvido no ocidente, suas características nos parecem muito bem definidas e não muito discrepantes no que tange à conformação das qualidades do hábito televisivo inserido em uma sociedade. Desta maneira, a televisão torna-se um elemento estranho quando colocado em uma sociedade como a chinesa. Uma vez que os seus valores devem ser reavaliados e contextualizados de acordo com este local diverso, faz-se necessária uma breve retomada de alguns valores na China.

Com a televisão se popularizando facilmente na década de 1980, o governo chinês se viu com um dilema: até que ponto a televisão é um instrumento de liberalização burguesa e distorção dos valores morais que permeiam sua sociedade e, em contrapartida, até que ponto este meio não seria a solução para os problemas de comunicação no país? E em que medida este tipo de acontecimento pode ser controlado? O que o governo temia era justamente a entrada de um elemento ocidental em sua sociedade, elemento este que já na década de 1980 era reconhecido como expressão do capitalismo ocidental, e as mudanças por ele provocadas. De todo modo, o governo de Deng Xiaoping optou pela inserção do instrumento no país e concentrou esforços para que não acontecesse este tipo de imprevisto. O governo usou a televisão como modo de comunicação, para uma maior mobilidade e integração das informações no país, o que alcançou um grande êxito. Talvez a China não tivesse

conseguido superar alguns de seus problemas políticos, estruturais e sociais, se não tivesse tido contato com um meio de comunicação tão ágil ou se tivesse optado por castrar esse meio de alguma outra forma mais abrasiva que a censura do Estado.

O primeiro contato da China com a televisão ocidental se deu por meio da Política de Portas Abertas adotada pelo governo da China em 1979. O primeiro programa americano que foi ao ar pela CCTV na China foi *Man from Atlantis*, em 1979. Além deste, foram importados programas como *Count Basies in Concert*, *NBA Basketball*, *60 Minutes*, e *Tournament of Roses Parade*, da CBS Productions; a Twentieth Century Fox permitiu que a CCTV escolhesse 52 longa-metragens e a MCA/Paramount/MGM cederam, por exemplo, *Guerra nas Estrelas* para esta mesma emissora. A CCTV também transmitiu programas infantis americanos, o mais famoso caso é o de *Mickey Mouse and Donald Duck*, que fizeram parte da grade do canal pela primeira vez em 1986 e ia ao ar no final da tarde de domingo às seis e meia. (LULL, 1992)

No entanto, é pertinente ainda questionar se essa abertura promovida é o bastante para que se crie e se exiba uma personagem que não somente reproduz o comportamento ocidental, como acontece por exemplo na produção chinesa que tem a violência como tema (a exemplo dos filmes chineses que inspiraram a produção ocidental, por exemplo a relação entre as imagens ultraviolentas produzidas por Quentin Tarantino totalmente influenciadas por John Woo e da mútua influência do Kung Fu tanto no ocidente, quanto da estilização e da releitura desta arte marcial na China a partir da troca de informações entre mundo ocidental e oriental), mas também de um modo de pensar tão particular quanto o individualismo e liberalismo presentes em *New Star* e que vem de um antecedente da construção histórica da sociedade ocidental.

Então, como a televisão lançou um seriado com um tema delicado e não muito aceito pelo governo, cuja personagem principal é um elemento com características tão avessas às tradições chinesas? Para além da falha dos censores do governo chinês, como dito anteriormente, onde o programa conseguiu burlar a censura em níveis regionais até alcançar a cadeia nacional, o governo parece ter se enganado quanto ao conteúdo da série. Li Xiangnam, além de suas características incongruentes dentro dos padrões chineses, é uma personagem que luta contra a corrupção das estruturas políticas na China, o que é uma máxima defendida pelo próprio governo. Então sua ascensão vista por esse prisma é aceitável. O governo chinês já apresentava

preocupação com o tema no início dos anos 1980, principalmente por causa da insatisfação dos jovens com a então configuração do sistema político na China, assim como aponta Ruoyun (2007):

No início dos anos 1980, fraude e suborno foram designados como crimes econômicos, e o termo ‘corrupção’ apareceu pela primeira vez em (...) um Conselho de Estado em dezembro de 1987 [Lu, 2000]. Foi em 1987 que o Partido formulou o conceito ‘luta contra a corrupção’, denotando no 13º Congresso do Partido que ‘a luta contra a corrupção é um processo inevitável para a Reforma e a abertura chinesa. Se continuarmos com os elementos corruptivos dentro do Partido, ele vai inteiro se tornar corrupto... Nós devemos manter a disciplina’[Lu, 2000].

Esse acontecimento evidencia a tentativa de luta contra a institucionalização de práticas que poderiam prejudicar o apoio popular ao governo, que em certa medida, sempre houve. Se por um lado *New Star* pareceu um grito em consonância com o governo, o mesmo abriu caminhos para que houvesse uma diferenciação e uma individualização no modo de pensar chinês. Em seguida, no ano de 1988, foi lançado um outro seriado de produção chinesa chamado *River Elegy*, a minissérie em seis capítulos que foi ao ar duas vezes neste mesmo ano, foi acusado de ter causado os eventos de 1989 ocorridos na Praça da Paz Celestial. Para James Lull (1992, p. 99) “o programa ataca a cultura chinesa tradicional alegando que alguns dos mais venerados símbolos do país, na verdade representam o atraso e a passividade, e não a grandeza da China”.

Esse segundo programa parece vir confirmar a política do governo de transmitir um contraponto ideológico para que o povo não se veja sozinho quando chegarem as estas questões. Após estes fatos, o único registro de algum programa cujo tema tangenciou algum debate político foi em 1996, com a exibição de *Heaven Above*, um seriado que conta a história de um alto oficial que luta contra uma rede de corrupção em uma cidade fictícia. O seriado foi exibido apenas uma vez, com muitos cortes da censura. (RUOYON, 2007, 61).

A televisão possui então, como em outros lugares do mundo, aspectos tipicamente chineses e também aspectos comuns à outras regiões. No entanto, é interessante notar e atentar para o fato de que a construção de sentido e a releitura por parte de cada telespectador e em seus respectivos imaginários possui uma potência aparentemente ampliada neste contexto. A necessidade de se criar realidades além daquela cotidiana e a vontade de reconhecer sua própria posição mediante determinadas estruturas é algo intrínseco ao ser humano. Portanto, apesar da diferença

histórica que afasta a sociedade chinesa e outras sociedades orientais da realidade vivida pelo mundo ocidental, é notório que a realidade e produção de sentidos a partir da televisão se faz presente em todas essas realidades.

A propriedade imagética do meio televisivo de reprodução de informação é poderoso em todas as sociedades e é parte fundamental do desenvolvimento dessas em tempos modernos e contemporâneos. Os relatos da programação chinesa e a inserção deste meio capitalista numa sociedade comunista, mesmo que esta tenha passado por uma reforma econômica, aponta para um processo de integração diferenciado deste meio, porém contundente no que diz respeito à ressignificação e à produção de sentidos a partir do instrumento televisivo. A partir disso e da apropriação social dentro de cada realidade do processo e dos seus próprios produtos televisivos cada sociedade parece capaz de se conhecer e de se reconhecer por meio de uma mesma estrutura – a televisão. Isto torna imprescindível a aproximação e o estudo aprofundado deste elemento que transcende as esferas normativas de poder de uma sociedade e passa, então, a integrar como seu elemento orgânico.

Referências bibliográficas

CHANG, Tsan-Kuo. *China's window on the world TV news*. Creskill, NJ: Hampton Press, 2002.

LULL, James. *A China ligada: televisão, reforma e resistência*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1992.

RUOYUN, Bai. TV Dramas in China: Implications of globalization. In: KOPS, OLLIG, Manfred e Stefan (Eds.) *Internationalization of the chinese TV sector*. Berlin: LIT Verlag, 2007. p.75-98.

RUOYUN, Bai. *Anticorruption television dramas: Between propaganda and popular culture in globalizing China*. 2007. 189p. Tese - University of Illinois. Urbana-Champaign, 2007.

ZHENGRONG, LI, Hu e Hong. China's television in transition. In: DAVID WARD (Org). *Television and public policy: change and continuity in an era of global liberalization*. New York: Taylor Print on Dema, 2009. p. 89-113.

ZHENGRONG, Hu. *The chinese model and paradigma of media studies*. In: Global Media and Communication. 04 abr 2009. 3, 335. Disponível em: <
<http://gmc.sagepub.com>> Acesso em: 29 jun 2013